



RELIGIÃO E SECULARIZAÇÃO EM VATTIMO¹

Cleber Araújo Souto Baleeiro², UMESP-SP.

Resumo

Vattimo sustenta que a única possibilidade após Nietzsche e Heidegger é um pensamento fraco, um pensar sem fundamento, que não procura a verdade do ser, mas apenas os poucos resquícios que nos são remetidos. Partindo de uma reflexão sobre a superação da metafísica, ele se propõe olhar a religião, mais especificamente em seu retorno, que ele acredita ser sua essência. Esse retorno se situa em duas esferas: na sociedade e na reflexão filosófica. A religião que retorna na época da superação da metafísica torna-se parte de uma sociedade secularizada (ou pelo menos em processo). Vattimo re-significa o conceito de secularização, que sempre esteve relacionado à perda de força das instituições religiosas, à dessacralização ou à perda de plausibilidade da religião na sociedade. Secularização é compreendida como enfraquecimento, mas sem negar a relação com a religião. Essa relação está na sua origem. Para Vattimo, a secularização nasce do cristianismo e constitui-se sua mensagem. Ele vê na encarnação enquanto *kénosis* um princípio de perda de transcendência da noção de sagrado. A possibilidade que Vattimo vê para a religião nesse momento é de assumir a *kénosis* e, portanto, se apresentar de forma secularizada.

Palavras-chave: Vattimo. Superação da metafísica. Kénosis. Enfraquecimento.

Neste texto, busca-se, de maneira bastante sintética, apresentar as principais linhas do pensamento de G. Vattimo no que concerne à relação entre religião e secularização, partindo da noção de superação da metafísica, pelo menos da forma como o filósofo italiano a concebe. Não tenho a pretensão de aprofundar a reflexão por ele iniciada ou discutir criticamente a partir de sua herança teórica, apenas tento sistematizar seu fragmentado pensamento. Para isso procede-se da seguinte maneira: de início, procura-se apresentar o que significa para Vattimo a superação da metafísica, partindo principalmente de sua leitura de Nietzsche e Heidegger nas

¹ Este texto é um resumo de minha dissertação de mestrado, defendida em abril de 2009, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, e que teve por título **O retorno da religião na época da superação da metafísica: religião e secularização no pensamento de G. Vattimo**.

² Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; professor no curso de Teologia (EaD) da mesma universidade. Email: cleleberbaleeiro@metodista.br

ideias de morte de Deus e fim da metafísica. Ainda relaciono “superação” com *Verwindung* para mostrar que a metafísica não se supera como um rompimento ou progresso da razão. Depois tento fazer uma leitura de sua compreensão de retorno da religião. Ele percebe esse retorno de duas formas: na sociedade e na filosofia. Nas duas modalidades, o retorno está associado à superação da ideia de fundamento metafísico. E, por fim, é apresentada sua ideia de secularização como enfraquecimento, levando em consideração sua origem na tradição cristã, em especial na *kénosis* e sua relação com a religião que retorna.

I

A filosofia de Vattimo é um projeto de superação da metafísica que se encontra em continuidade com a obra de Nietzsche e Heidegger. Uma continuidade que não quer dizer necessariamente apenas retomada. Quando falo em continuidade quero dizer que ele não é somente um intérprete da filosofia alemã, mas alguém que, a partir dessa inspiração, ou melhor, dessa herança teórica, faz uma filosofia que interpreta ontologicamente a atualidade. Mas em que consiste a superação da metafísica? Em que medida ela contribui com uma leitura das questões atuais, em especial da religião em seu retorno à reflexão filosófica?

O que Vattimo chama de superação da metafísica pode ser relacionado com o que Nietzsche chamou de “morte de Deus” e Heidegger chamou de “fim da metafísica”, é a crítica à tradição iniciada (pelo menos enquanto sistema) em Aristóteles da ciência do ser enquanto ser, que o compreende como presença, como algo passível de apreensão, conhecimento e manipulação. A partir de Heidegger a metafísica pode ser compreendida como o esquecimento da diferença entre ser e ente, o que se desdobra na ideia de fundamento. Nas palavras de Vattimo (1998b, p. 85): “a metafísica é o pensamento que, mesmo ao pôr o problema do ser, o esquece imediatamente e se limita a considerar o ente”.

O anúncio nietzscheano da morte de Deus é compreendido não como crítica à religião, mas, sobretudo, como crítica à metafísica e, relacionadas a ela, as ideias de essências, verdade última e fundamento. Para Vattimo, esse Deus representa toda ideia de fundamento estável (*Grund*) e morre porque já não precisa mais cumprir seu papel de dar segurança visto que os homens entendem encontrar isso

na razão técnico-científica. A morte de Deus está relacionada ao niilismo, à desvalorização dos valores supremos (VATTIMO, 1999, p. 25). Um dos sentidos de niilismo na obra de Nietzsche é o de inexistência da verdade absoluta, das coisas-em-si – é a possibilidade de destruição das amarras e abertura para o surgimento do homem-superior (*Übermensch*). Nesse sentido, o niilismo é um fato positivo. Vattimo, partindo do pensamento de Heidegger, também compreende o niilismo como um fato positivo, como possibilidade de superação da metafísica, como nossa única chance. Ele diz que “a metafísica chega ao seu termo com Nietzsche na medida em que este se apresenta como o primeiro niilista verdadeiro; e a essência mais profunda da metafísica é precisamente o niilismo” (VATTIMO, 1998b, p. 91).

O anúncio heideggeriano do fim da metafísica é, para Vattimo, sinônimo da morte de Deus. Para Heidegger, a metafísica não se supera como um rompimento, mas, como uma *Verwindung*. O termo *Verwindung* aparece poucas vezes ao longo da obra de Heidegger. Diferencia-se de *Überwindung*, por não ter o simples sentido de ultrapassamento, deixar para traz. É resgatado por Vattimo e pensado à luz do termo italiano *rimetterse*, que tem o sentido de restabelecimento de uma doença, mas também de remeter-se a alguém ou remeter alguma coisa. Nesse sentido, o termo aponta para uma superação que não é rompimento crítico, mas um desvelamento da mais marcante característica da metafísica, aquilo que pode ser sua “essência”: o esquecimento do ser. É a partir desse esquecimento e a confusão entre ser e ente que surge a possibilidade de superação. O pensamento que supera a metafísica não é o pensamento que estabelece essa diferença, mas tão somente aquele que a reconhece. A implicação disso é que, se a metafísica é o pensamento do esquecimento do ser (ou da confusão entre ser e ente), a partir do momento que essa diferença é percebida, a metafísica perde seu sentido. Por isso, a superação em Heidegger não é um tipo de progresso do pensamento, mas uma radicalização e distorção da metafísica, é a compreensão de que sendo desvelada a essência da metafísica como esquecimento, essa perde seu sentido.

Mas por que é preciso superar a metafísica? Como se justifica tal intento? Para Vattimo, a metafísica precisa ser superada por ser violenta, nesse sentido, seu intento tem um caráter ético. Ele afirma que:

Se considerarmos as motivações originais da **revolução** heideggeriana contra a metafísica (que recuperam e sistematizam, em termos filosoficamente rigorosos e produtivos, muitos

componentes do espírito da vanguarda artística e filosófica do início do século), pode-se, a justo título, sustentar que eles têm caráter ético (ou ético-político), mais do que teórico, e que rejeitam a metafísica – o pensamento do ser como presença e objetividade – na medida que a vêem principalmente como pensamento violento (VATTIMO, 1999, p. 50, destaque do autor).

O que ele quer dizer quando afirma ser a metafísica violenta? Para Vattimo, ela é violenta por cultivar uma imagem forte do ser, impositiva, determinante. A questão gira em torno do seguinte: se é possível apreender o ser, é possível também chegar a sua verdade, verdade contra a qual não se pode afirmar nada, que faz calar todo discurso, todo diálogo, cujo único sentimento que se pode ter é o de admiração (VATTIMO, 1999, p. 52). Que teria alguém a oferecer àquele que possui a verdade? Quem está mais próximo do ser, ou que chega à sua verdade está em grau de superioridade diante do outro. Pode impor sua vontade porque é a única correta, pode até mesmo emitir sentenças sem justificativas.

Com o intuito de pensar para além das categorias da metafísica, Vattimo propôs um pensamento fraco, que é uma ontologia hermenêutica, que se caracteriza por assumir o niilismo como destino e por sua crítica à violência do pensamento forte – aquele que se apoia num pretenso fundamento. O pensamento fraco, enquanto hermenêutica que busca se distanciar de qualquer tipo de fundacionismo, não é uma rejeição da racionalidade, é antes uma racionalidade que se reconhece sempre como uma interpretação. Ele é sempre fraco, ou seja, não tem a pretensão de apresentar a verdade, mas se reconhece como provisório e questionável. Vattimo reconhece que, em muitos momentos, essa argumentação pode parecer um tanto inconsistente, porém explica que é possível suspeitar que “ideias claras e distintas” sejam resquícios de metafísica. O pensamento fraco não implica em ver “as coisas como são”, pois é sempre uma interpretação nada neutra. Sendo assim, “O rigor do discurso pós-metafísico é só deste tipo, procura uma persuasão que não pretende ser válida de um ponto de vista ‘universal’ – isto é, de nenhum ponto de vista, mas que sabe que provém e se dirige a alguém que está implicado no processo, e que, portanto, nunca tem dele uma visão neutra, mas arrisca sempre uma interpretação” (VATTIMO, 1998a, p. 38). O que fica sempre claro no pensamento fraco é que assumi-lo é uma aposta, porque não parte da segurança de fundamentos metafísicos e da força da razão moderna, mas esse risco também é garantia de outras possibilidades.

II

Partindo dessa reflexão sobre a superação da metafísica Vattimo se propõe olhar a religião, mais especificamente em seu retorno, que ele acredita ser sua essência. Mas qual o significado ontológico desse retorno? Falar em retorno significa dizer que, em algum momento, deixamos de ser religiosos? Para ele retorno não se refere à reaparição de algo que estava ausente, mas ao deslocamento da religião da periferia do pensamento para o centro. A religião nunca esteve ausente, mas desde o iluminismo passou a ocupar um lugar cada vez menos central na sociedade e na reflexão filosófica ocidentais, encarada sempre como mito, superstição ou um tipo de conhecimento atrasado. Os discursos contra a religião, desde o positivismo, os materialismos, a psicanálise freudiana e seus desdobramentos partem sempre de um pressuposto metafísico, a noção de verdade absoluta, a partir da qual a religião é contraposta como não verdade. Com a queda das grandes narrativas (utilizando aqui a expressão de Lyotard) que “fundamentavam” os discursos contra a religião e que negavam a validade de suas experiências, ela agora encontra espaço para retornar.

Vattimo situa esse retorno em duas esferas: na sociedade e na reflexão filosófica. Na sociedade, ela retorna por um desejo de segurança diante das grandes ameaças à vida e à essência humana, provocados pelas ameaças à vida decorrentes do “desenvolvimento” das armas nucleares, da pergunta pelo significado da vida, decorrente da manipulação genética, do fortalecimento das instituições religiosas, decorrente das mudanças no cenário político, especialmente na Europa – podemos citar como exemplo o caso da Igreja Católica e dos esforços de João Paulo II contra o socialismo – mas, acima de tudo, esse retorno se dá pela insegurança provocada pelo niilismo, ou seja, pela experiência da fragmentação do fundamento sobre o qual se sustentam as noções de “verdade” e “sentido”. A religião dá aos indivíduos certa segurança, pois parte de verdades (no caso do cristianismo, reveladas) que se constituem solos onde eles podem construir seus mundos. Esse mundo construído promove sentido, dá a sensação de que há um propósito maior na vida e nas ações criadoras. O desejo de segurança se constitui uma busca pelo fundamento, por aquilo a partir de que o mundo se sustente. Vattimo alerta que há sempre o risco dessa religião que retorna tomar características

fundamentalistas, autoritárias ou demasiadamente dogmáticas como reação desesperada e violenta ao vazio deixado pelo niilismo. Portanto, a superação da metafísica está na origem do retorno da religião, por provocar essa ausência de segurança e conseqüentemente uma busca de fundamento. Nesse caso, é uma origem não necessariamente positiva, se compreende que a metafísica é essencialmente violenta.

Na filosofia, a religião retorna também por causa da superação da metafísica, só que, ao invés de ser uma busca pelo fundamento, é justamente sua ausência e, conseqüentemente, a impossibilidade teórica de sustentar um discurso forte que negue a religião ou a validade das experiências religiosas que fazem com que esse retorno seja possível. Ou seja, porque não é possível filosoficamente sustentar um discurso forte, uma verdade incontestável, não é possível sustentar teoricamente um discurso antirreligioso. Nas palavras de Vattimo (1998a, p. 17):

A verdade é que o ‘fim da modernidade’, ou, em todo caso, a sua crise, trouxe também consigo a dissolução das principais teorias filosóficas que julgavam ter liquidado a religião: o cientificismo positivista, o historicismo hegeliano e depois marxista. Hoje já não existem razões filosóficas plausíveis para ser-se ateu, ou para recusar a religião.

Em outras palavras, qualquer discurso que negue a religião como uma experiência válida, positiva, só pode fazê-lo a partir de um fundamento metafísico. Sendo assim, até mesmo os discursos antimetafísicos (positivismo-lógico, materialismo histórico, neo-darwinismo etc.) partem de pressupostos metafísicos. É por isso que Vattimo afirma que “já não existem razões filosóficas plausíveis para ser-se ateu”, pois qualquer discurso contra a religião partirá sempre de um fundamento, que hoje já se desconfia não ter fundamento algum. Mas o simples fato da religião poder voltar a ser compreendida positivamente pela filosofia não faz dela necessariamente um saber superior aos outros saberes, nem quer dizer que a razão de alguma forma conduzirá as pessoas a ela, quer dizer apenas que um discurso filosófico não pode sustentar teoricamente interditos contra a religião.

A religião é uma possibilidade que não pode ser negada a partir de pressupostos racionais, assim, se a filosofia não pode rejeitá-la tem então que assumi-la como uma experiência válida, ou pelo menos possível, sobretudo para o crente, posicionando-se criticamente em relação a seus aspectos negativos, como o

fundamentalismo e o dogmatismo, ou corre o risco de tornar-se um discurso sem significado. Se a filosofia não pode negar a experiência religiosa, também não pode ficar inerte diante de seus aspectos violentos.

III

A religião que retorna justamente quando se fala da possibilidade de superação da metafísica torna-se parte de uma sociedade secularizada ou pelo menos em processo de secularização. Mas o que significa secularização? Apesar de Vattimo ser leitor de Weber, o que chama de secularização se distancia dos sentidos assumidos a partir da década de 60 por cientistas sociais como Acquaviva, Berger e Luckmann. Para ele, secularização não é somente sinônimo de privatização da religião, desinstitucionalização, ou a perda de sentido dos símbolos religiosos. Secularização tem um significado ontológico e é compreendida como “enfraquecimento”. Isso quer dizer que ela não se relaciona apenas à religião mas é uma dissolução das estruturas do pensamento. É nesse sentido que é possível falar até mesmo de uma secularização da filosofia, não como perda da importância da religião para a razão, pois como eu disse anteriormente, o retorno da religião relaciona-se à perda de fundamento, mas como autorreconhecimento de suas limitações a partir da compreensão do ser como evento (*Ereignis*), ou seja, como algo que não pode ser apreendido.

Se o sentido de secularização em Vattimo se distancia tanto do sentido utilizado mais costumeiramente, por que não usar outro termo? Porque secularização carrega em si o elemento religioso. Esse elemento religioso não se encontra somente no significado do termo secularização, mas na raiz da experiência que ela representa. Uma insistência de Vattimo é que a secularização é uma herança do cristianismo, ela nasce do cristianismo e acaba por se constituir sua mensagem. “O cristianismo introduz no mundo o princípio da interioridade, com base no qual a realidade ‘objetiva’ perderá pouco a pouco seu peso determinante” (VATTIMO, 2006, p. 67). Como assim? Ele vê no símbolo da encarnação, enquanto *kénosis*, um princípio de perda de transcendência da noção de sagrado. A imagem do Deus cristão esvaziando-se de sua divindade, enfraquecendo-se, torna-se na história do Ocidente o símbolo de um processo que culmina na dissolução de toda

ideia de fundamento, de absoluto. É nesse sentido que Vattimo (2004, p. 86) afirma: “como evento salvífico e hermenêutico, a encarnação de Jesus (*kenosis*, o rebaixamento de Deus) é ela mesma, acima de tudo, um fato arquetípico de secularização”. O autoesvaziamento de Deus em Jesus, portanto, é o símbolo do princípio de secularização, ou melhor, de enfraquecimento que o cristianismo implantará no Ocidente e que será resgatado e aprofundado por Nietzsche e Heidegger.

A partir disso é possível perguntar: como pode ser interpretada a religião em seu retorno tendo em vista a secularização como enfraquecimento? Vattimo vê a relação entre religião e secularização em termos de possibilidade. Para ele, a religião, em especial o cristianismo, deve assumir a *kénosis*, ou seja, deve se apresentar de forma secularizada. Uma religião secularizada não é aquela que despreza os conteúdos de sua tradição, mas a que os resgata e os seculariza, os interpreta conforme o momento histórico. Isso pode ser exemplificado com indicações que Vattimo dá de possibilidades de leitura do texto bíblico. Em **Depois da cristandade**, ele fala sobre uma leitura “espiritualizada” da Bíblia, que é uma interpretação livre de autoritarismos e literalismos, em que o mais importante não é compreender o que o “verdadeiro” sentido do texto expressa, mas compreendê-lo de forma “plena” (VATTIMO, 2004, p. 39). Reportando a Schleiermacher, é permitir que o texto bíblico fale livremente à compreensão das pessoas, é permitir que o leitor se torne também o autor da própria Bíblia. Mas, quais as possíveis consequências positivas dessa leitura “espiritualizada”?

Uma leitura mais espiritual do texto bíblico, e dos dogmas cristãos de forma geral, parece ser hoje uma demanda que serve não apenas para reconhecer a essência profundamente religiosa de tantos aspectos da religiosidade secularizada, mas também para tornar possível o diálogo ecumênico das igrejas cristãs entre si e delas com as outras religiões. O reconhecimento dos direitos iguais para as culturas outras, que no plano político ocorreu com o final do colonialismo e no plano teórico com a dissolução das “metanarrativas” eurocêntricas, no caso das igrejas cristãs exige o abandono dos comportamentos **missionários**, isto é, da pretensão de levar ao mundo pagão a verdade única (VATTIMO, 2004, p. 64, destaque nosso).

Essa forma de ler a Bíblia que passa pela noção de ser como *Ereignis*, de forma que torna impossível qualquer tentativa de tomar o texto como portador de verdades imutáveis, encontra inspiração, ainda que de forma bastante livre, na

“teologia da história” de Joaquim de Fiore, em que a história seria dividida em três momentos equivalentes às três pessoas da Trindade: a idade do Pai, a idade do Filho e a idade do Espírito, nesse último momento – que Joaquim dizia estar apenas prevendo a partir das Escrituras, ainda não vivendo, mas que para Vattimo já se está em parte vivendo, mas com a possibilidade de nunca o concretizarmos – a graça seria mais perfeita e a relação seria de liberdade. A crítica vattimiana a Joaquim consiste basicamente em existir um aspecto por demais rígido em seu pensamento: a leitura das narrações bíblicas como “eventos ‘objetivamente’ verdadeiros ou, pior, como profecias de fatos destinados a acontecer ‘realmente’ no plano histórico/mundano” (VATTIMO, 2004, p. 42).

Talvez a grande possibilidade dessa leitura esteja na abertura a formas de apropriação da mensagem a partir de culturas não-cristãs ou não vinculadas ao ensino oficial das igrejas. Diante do reconhecimento da verdade das outras religiões é necessário esforço para se colocar em evidência o ponto central da mensagem cristã, que é o amor, isso porque exige muitas vezes o desvinculamento das leituras tradicionais. Esse “afrouxamento” da literalidade da Bíblia não é somente uma possibilidade, para a igreja é uma necessidade, porque

Enquanto permanecer prisioneira da rede de sua ‘metafísica natural’ e de seu literalismo [...], a igreja não conseguirá jamais dialogar livre e fraternamente não só com outras confissões cristãs, mas sobretudo com as outras grandes religiões do mundo (VATTIMO, 2006, p. 69).

A própria leitura que Vattimo faz da *kénosis* é um tipo de secularização de um símbolo cristão. Além disso, uma religião secularizada não necessita de fundamentação, não precisa ser justificada pela razão ou pela ciência, bem como não deve colocar-se como portadora da verdade última. Se é justamente a ausência desse fundamento que possibilita seu retorno, enquanto ela própria está na raiz dessa ausência, para ser fiel àquilo que a caracteriza deve assumir sua vocação *kenótica*. A única exigência a essa religião secularizada é a *caritas*, a dimensão a partir da qual a secularização e o agir cristão podem ser julgados.

A superação da metafísica, o retorno da religião e a secularização estão intimamente ligados, no pensamento de Vattimo. A superação da metafísica é o que possibilita o retorno da religião, essa religião que retorna é a mesma, presente na raiz da secularização, enquanto enfraquecimento, a secularização, enquanto

herdeira do símbolo cristão da *kénosis*, relaciona-se ao anúncio nietzscheano da morte de Deus e ao projeto heideggeriano de fim da metafísica.

RELIGION AND SECULARIZATION IN VATTIMO

Abstract

Vattimo argues that the only possibility after Nietzsche and Heidegger is a weak thought. A thinking without foundation that does not seek the truth of being but only the few remains we can get. Firstly from a reflection on the overcoming of metaphysics he wants to look to the religion, more specifically on his return which he believes to be its essence. This return is located in two spheres: in society and philosophical reflection. The religion that returns at the time of the overcoming of metaphysics becomes part of a secularized society or at least in process. Vattimo re-does the concept of secularization which has always been related to loss of strength of religious institutions or the desecration or loss of plausibility of religion in society. Secularization is understood as weakening but without denying the relationship with religion. This relationship is in its origin. For Vattimo secularization is born inside the Christianity and its message became it. He sees the incarnation as a principle of kenosis loss of the notion of sacred transcendence. The possibility that Vattimo sees for religion at this point is to take the kenosis and therefore is present in a secularized.

Keywords: Vattimo. Overcoming metaphysics. Kenosis. Weakening.

REFERÊNCIAS

VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio d'Água, 1998a.

_____. A idade da interpretação. In: ZABALA, Santiago (Org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Reluma Dumará, 2006.

_____. **Depois da cristandade**: Por um cristianismo não religioso. Record, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998b. 210 p.

_____. **Para além da interpretação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.